



# Por um retrato mais colorido da leitura

**D**epois de ler a sexta edição da pesquisa *Retratos da Leitura*, que apontou queda na quantidade de leitores no Brasil nos últimos anos, a minha sensação foi dúbia. Primeiro, fiquei triste (para onde vai um país com menos — e não mais — leitores?). Depois me vi cínico (com o avanço das redes digitais e da inteligência artificial, para que serve mesmo a leitura?). E, por fim, decidi que é hora de arregaçar as mangas (as da camisa, pois as que caem nas ruas estão maduras) e trabalhar.

Na condição de triplo militante da leitura — além de jornalista e vacilante escritor, sou divulgador de literatura —, sinto-me obrigado a fazer alguma coisa por esse descalabro nas estatísticas sobre o mercado editorial brasileiro.

Primeiro, leio em um artigo no jornal de literatura *Rascunho*, escrito pelo José Castilho, um reconhecido analista da *Retratos da Leitura*, alguns números que me assombam. Entre 2011 e 2015, o Brasil ganhou 16,5 milhões de novos leitores. Mas de 2015 a 2019 perdemos 4,6 milhões; e de 2019 a 2024 perdemos mais 6,7 milhões. Ou seja, há 10 anos, 56% da população brasileira era de leitores, hoje esse percentual é de 47%. Pela primeira vez em duas décadas, temos mais não leitores do que leitores.

A pesquisa mostra também que 46% dos entrevistados considerados leitores declararam não terem lido mais por “falta de tempo”. No entanto, 78% dos entrevistados disseram usar a internet no tempo livre. Será que perdemos essa guerra? O que fazer?

Então me lembro de alguns países que decidiram investir pesado na educação e na leitura para fugir da pobreza e conseguiram. O melhor exemplo é a Finlândia, que a partir dos anos 1970, fez uma verdadeira revolução nas escolas e hoje tem números invejáveis em leitura e na qualidade do ensino.

Lembro de uma situação mais próxima da gente. Nos anos 2000, a cidade de Medellín, na Colômbia, que 40 anos atrás chegou a ser uma das mais violentas do mundo em razão do domínio do cartel de drogas, fez uma pequena revolução ao investir na construção de bibliotecas-parque nas regiões mais pobres da cidade. Claro que a política de segurança de lá ajudou bastante, mas a leitura também. Em 1991,



Medellín foi considerado o lugar mais violento do mundo para se viver e hoje tem índices que fazem inveja a qualquer cidade latino-americana.

Chegando mais perto, lembrei da experiência que obtive visitando bibliotecas em Manguinhos e na favela da Rocinha, duas comunidades pobres do Rio de Janeiro. Vi com meus olhos moradores de rua trocando o crack pelos livros e adolescentes que poderiam estar ao alcance dos traficantes estudando em bibliotecas bonitas e organizadas. Sobre isso, sugiro o documentário *Leitores sem fim*, da TV Câmara, que ajudei a produzir.

Aproximando-me no tempo e no espaço, lembrei-me de vários projetos de leitura que existem no Distrito Federal. Essa crônica é pequena para falar em todos, mas cito um de memória: o Jornada Literária do Distrito Federal, que desde o ano 2000 vem atuando em escolas, feiras e eventos literários formando novos leitores e mediadores de leitura.

E de um ano para cá venho fazendo parte de uma confraria, o Instituto Casa de Autores (ICA), que reúne pouco mais de três dezenas de escritoras (elas são maioria!) e escritores que atuam no sentido de divulgar a literatura de Brasília em escolas e eventos literários no DF, no Brasil e pelo mundo! Como não se emocionar com essa pletera de pessoas e movimentos, e histórias, que acreditam na força transformadora da leitura e dos livros, e que veem nas bibliotecas não meros depósitos de livros, mas sim espaços de transformação social e cultural?

Não sei vocês, mas acho que essa pesquisa *Retratos da Leitura* pode fazer levantar das cadeiras um monte de gente que estava meio adormecida, esperando as coisas acontecerem, quando sabemos que as coisas só acontecem quando vamos à luta. Então, vamos. Mãos aos livros!

**Beto Seabra é jornalista e escritor**